

Manuais Universitários

Rui Manuel Afonso

Mateus

A Recepção

de Camões

no Barroco

Português

O Caso de Estêvão Rodrigues de Castro

Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Índice

- 11 1 — **Introdução**
- 15 2 — **O lugar de Estêvão Rodrigues de Castro
na recepção de Camões no Barroco português**
- 37 3 — **Afirmção do Maneirismo e insinuação da
estética barroca na lírica de Estêvão Rodrigues
de Castro**
- 115 4 — **A recepção produtiva de Camões na lírica
de Estêvão Rodrigues de Castro**
- 203 5 — **Conclusão**
- 209 6 — **Apêndice — Tábua de correspondências
entre textos de Estêvão Rodrigues de Castro
e Camões**
- 219 **Bibliografia**

1.

Introdução

Ler e estudar os clássicos é um empreendimento a cuja realização muitas e diferentes motivações podem presidir. Houve já quem se dedicasse, com propriedade, à identificação dessas motivações¹, tarefa de que foram extraídas conclusões a que não será alheio o próprio móbil deste nosso trabalho. Não deixando de ser uma necessidade imperiosa para que nos convoca a tradição literária e cultural de que deriva parte considerável da nossa identidade, a leitura dos clássicos será também um exercício de prazer de que se obtém sempre uma lição de actualidade.

Assim é com Camões. Ainda que nos possa atemorizar a responsabilidade de lidar com a grandeza do seu nome e da sua obra, estudar o Poeta é realizar uma experiência estética que vai além dos ganhos da investigação, seja qual for a sua envergadura. No caso vertente, este estímulo aliou-se ao interesse em dar a conhecer a produção literária de Estêvão Rodrigues de Castro, um autor quase desconhecido do Maneirismo português (em fase já de transição para o Barroco) para quem a leitura de Camões constituiu certamente uma rara experiência de deleite.

O que resulta deste cruzamento é, portanto, o estudo dos reflexos da leitura de Camões na escrita poética de Estêvão Rodrigues de Castro, os quais constituem uma *consequência criativa* enquadrável nos fenómenos de recepção literária. Por estas razões, trataremos, em primeiro lugar, de equacionar o problema da leitura de Camões em Estêvão Rodrigues de Castro à luz dos preceitos da imitação

¹ Referimo-nos a Italo Calvino e à sua obra *Porquê Ler os Clássicos* (trad. de José Colaço Barreiros), Lisboa, Teorema, 1991.

literária vigentes na época e das categorias estabelecidas pelos modernos estudos sobre intertextualidade e recepção.

Ainda que tenha sido objecto de uma criteriosa edição nos anos 60 do século xx², a obra poética de Estêvão Rodrigues de Castro nunca foi sujeita a um trabalho de análise textual que se demorasse na identificação das preferências temáticas e estilísticas do autor e no desenho do percurso mental que se projecta nas suas composições, permitindo realizar com segurança a sua inserção periodológica em função das dominantes identificadas. É a isso que nos propomos no segundo capítulo deste trabalho. Esta análise servirá de sustentáculo ao trabalho de identificação e interpretação, na secção seguinte, dos vestígios da leitura de Camões na expressão lírica de Rodrigues de Castro. Esses vestígios, como veremos, não constituem simples matéria residual do impacto de leitura, representam antes o modo como, na geração literária que se seguiu a Camões, o seu testemunho se converteu em modelo de criação e, no campo da lírica, que é o que nos ocupa, em matriz inquestionável das escolhas temáticas e dos processos formais e estilísticos. A metodologia adoptada para esta análise fundamenta-se no cotejo dos textos, na detecção de relações intertextuais e na integração funcional destas mesmas relações no universo poético de Rodrigues de Castro previamente descrito.

Anexa-se ao texto uma tábua de correspondências textuais que procura identificar as edições impressas ou os testemunhos manuscritos em que Estêvão Rodrigues de Castro terá tido acesso às composições camonianas utilizadas como intertextos. Para tanto, houve que atender às coordenadas biográficas do autor e às datas em que estavam disponíveis os documentos manuseados. O objectivo desta tábua é ilustrar, com o exemplo da recepção em Estêvão Rodrigues de Castro, os processos de circulação dos textos líricos de Camões em finais do século xvi e princípios do século xvii e sublinhar a importância que o circuito dos manuscritos necessariamente assumiu, atendendo à insuficiência da resposta dada pelas edições impressas ao problema do acesso a alguns textos camonianos com que as composições de Rodrigues de Castro estabelecem evidentes nexos intertextuais.

² Edição empreendida por Giacinto Manuppella sobre a qual nos debruçaremos no primeiro capítulo.

Em função de algumas dúvidas de atribuição existentes, da dispersão dos exemplares impressos e da disparidade nos critérios de transcrição utilizados pelos diferentes editores³, optámos, quanto às composições de Estêvão Rodrigues de Castro, por transcrever a lição dada pela edição de 1967 de Giacinto Manuppella. Por uma questão de uniformidade de critérios procedemos do mesmo modo com os textos da lírica de Camões⁴, que foram transcritos a partir da edição de Álvaro Júlio da Costa Pimpão, e dos restantes autores citados, cuja fonte será sempre identificada.

Segue-se o texto, cuja base é a dissertação apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra em Janeiro de 2003 no âmbito do Curso de Mestrado em Literatura Portuguesa. O texto foi entretanto sujeito a um inevitável processo de revisão e actualização, decorrente das contribuições trazidas a este campo por novos estudos críticos e literários, mas também pelo aprofundamento pessoal de linhas de investigação que inicialmente ficaram apenas esboçadas ou que, passados quatro anos, exigiram reformulações mais ou menos amplas à luz de novas evidências e entendimentos.

Gostaria, antes de terminar este breve limiar, de manifestar a minha gratidão a todas as pessoas que contribuíram de algum modo para a concretização deste trabalho ao longo das diferentes etapas da sua realização. Dirijo a primeira palavra de apreço à minha família, que sempre me acompanhou e encorajou em todos os momentos, sobretudo naqueles em que o cansaço e o desânimo davam os seus sinais. Queria ainda registar o meu agradecimento aos meus amigos, que sempre mostraram interesse e curiosidade pela investigação desenvolvida, cabendo aqui uma menção especial aos que me deram o seu apoio com o envio de material bibliográ-

³ Entre esses editores contam-se Francisco de Castro, filho do poeta, e António Lourenço Caminha, que reeditou as composições portuguesas das *Rimas* de Estêvão Rodrigues de Castro no segundo tomo das *Obras Inéditas de Aires Telles de Menezes, da illustre casa de Unhão, e ayo do senhor Rei D. João II, de Estêvão Rodrigues de Castro e de outros anónimos dos mais esclarecidos* (Lisboa, oficina de Filipe José de França, 1792, pp. 145-221).

⁴ Tanto nos textos de Estêvão Rodrigues de Castro como nos textos de Camões foi apenas alterada a grafia do pronome indefinido, visto que o programa informático utilizado para processamento do texto não permite a colocação do til sobre algumas vogais, o que nos levou, no caso referido, a desdobrar as vogais grafadas com til nas edições consultadas em vogal simples seguida de consoante nasal.

fico de Lisboa e de Coimbra sempre que a estas cidades me não pude deslocar pessoalmente. Não posso também deixar de referir as várias instituições culturais a cujos serviços recorri e onde fui sempre bem acolhido, das quais gostaria de destacar, pela constante disponibilidade, a Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, as bibliotecas dos Institutos de Língua e Literatura Portuguesa e de Literatura Italiana da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, a Biblioteca Nacional Central de Florença, em particular os técnicos do Laboratório de Restauro, sem cuja colaboração me teria sido impossível consultar a edição de 1623 das *Rimas* de Estêvão Rodrigues de Castro, o Instituto Camões e as Edições Frenesi, a quem devo a cedência de publicações de difícil aquisição no mercado, e ainda o Centro de Estudos Anglo-Portugueses da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, a Fundação Engenheiro António de Almeida e a Biblioteca Municipal de Castelo Branco, a cujos fundos documentais pude ter acesso ao longo da pesquisa que efectuei.

Deixo à Professora Doutora Isabel Almeida e ao Professor Doutor José Augusto Cardoso Bernardes o meu agradecimento pela forma como acolheram o texto e, aquando da sua discussão pública, me forneceram orientações de trabalho e sugestões de revisão, facultando-me, desta forma, os fundamentos da versão que agora se apresenta. Gostaria ainda de lembrar a Professora Doutora Lucília Gonçalves Pires, cuja apreciação do texto me levou a retomá-lo e a ponderar o projecto da sua revisão e publicação.

A maior dívida de gratidão tenho-a, porém, para com o Professor Doutor Aníbal Pinto de Castro, que, na qualidade de seu orientador, deu a este trabalho, desde o primeiro momento, todo o apoio necessário à sua concretização, nunca negando, com o seu profundo conhecimento e a justeza crítica do seu conselho, toda a colaboração solicitada sempre acrescida de uma palavra de alento. O inextinguível rigor da sua probidade científica e a sua dedicação ao mundo dos livros e das Letras constituem a mais importante lição que extraí do convívio com a sua amizade e correspondem hoje, na minha memória, a um exemplo singular de trabalho e de entrega à investigação no domínio das Humanidades.